



DOIS OLHARES SOBRE ORFEU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS VERSÕES DO MITO ÓRFICO NAS *METAMORFOSES X* DE OVÍDIO E NAS *GEÓRGICAS IV* DE VIRGÍLIO

Palavras-chave: Estudos Clássicos (Latim); Ovídio (*Metamorfoses*), Virgílio (*Geórgicas*), tradução, análise comparativa

Autores(as):

Rafael Soares de Oliveira Lima, IEL-Unicamp
Prof^a. Dr^a. Patricia Prata (orientadora), IEL-Unicamp

Introdução

O trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de nossa pesquisa de Iniciação Científica PIBIC-CNPq (vigência: 01/09/2023 - 31/08/2024), desenvolvida na área de Estudos Clássicos (Latim). Nossa pesquisa consistiu na tradução anotada do mito de Orfeu tanto do livro X das *Metamorfoses* de Ovídio (vv. 1-85) quanto do livro IV das *Geórgicas* de Virgílio (vv. 453-527),¹ e na análise comparativa entre as duas versões do mito órfico, com foco no estudo das escolhas linguísticas de cada autor e nas diferenças entre os enredos dos dois episódios. Neste resumo, apresentamos, como amostra de nosso trabalho, a tradução de alguns versos do mito nas *Metamorfoses* e nas *Geórgicas*² e a análise comparativa entre algumas passagens das versões, evidenciando as principais semelhanças e diferenças entre os dois textos e seus efeitos de sentido.

Embora seja um poema épico, as *Metamorfoses* apresentam temas não convencionais ao gênero, como o tema amoroso do mito de Orfeu e Eurídice (Conte, 1999), próprio do gênero elegíaco. A narrativa é reelaborada a partir das *Geórgicas* de Virgílio, poema didático escrito em hexâmetros datílicos. Ambas as versões do mito, portanto, imprimem características do gênero elegíaco em poemas pertencentes a um gênero distinto – épico e didático, respectivamente –, como dramaticidade, sofrimento (*pathos*) amoroso e final trágico. Esses elementos se encontram presentes em ambos os textos, em maior ou menor grau, como será discutido com maior detalhamento em nossa análise.

Tradução: *Met.*, X, vv. 1 - 85

I: Morte de Eurídice

¹ Nestes versos, Ovídio e Virgílio narram a história do músico Orfeu, que desce aos infernos para resgatar a sua amada Eurídice, morta por uma picada de serpente. Após um discurso persuasivo, obtém a permissão de Hades para trazê-la de volta sob a condição de não a olhar até saírem do submundo. Sem resistir à ânsia de vê-la, Orfeu se volta para contemplá-la e perde sua amada pela segunda vez.

² Em vez de apresentar a tradução integral, optamos por dividi-la em três partes: 1-) primeira morte de Eurídice e discurso de Orfeu ao Hades, 2-) restituição de Eurídice a Orfeu e 3-) segunda morte de Eurídice e 4-) sofrimento de Orfeu, mostrando alguns versos trazidos de cada parte.

Met., X, vv. 8-10	Mais grave foi o desfecho do que o presságio: pois a recém-casada, ³ vagando pelas relvas, acompanhada por uma multidão de Náiades, ⁴ parte ao receber uma picada de serpente no tornozelo.
G., IV, vv. 457-459	De fato, enquanto fugia de ti pelos rios, ligeira, a menina, prestes a morrer, não viu aos seus pés uma hidra terrível guardando as margens, em meio à alta erva.

II: Trecho do discurso de Orfeu a Hades nas *Metamorfoses*

Met., X, vv. 29-39	[...] Eu, por esses lugares cheios de temor, por este imenso caos e pelos silêncios do vasto reino, peço que destecham o precipitado destino de Eurídice. Devemos tudo a vós: e, em breve, cedo ou tarde, nos precipitamos à mesma morada. Prossequimos todos para cá, esse é o último lar, e vós possuís os vastíssimos reinos do gênero humano. Ela também, quando, na maturidade, tiver percorrido seus justos anos, será de vosso domínio: como um presente, pedimos seu usufruto. E se os fados negam esse favor à minha esposa, é certo que sair daqui eu não desejo: ficai felizes com a morte dos dois."
---------------------------	--

III: Restituição de Eurídice a Orfeu

Met., X, vv. 45-52	Então, conta-se que, com o canto, pela primeira vez, de lágrimas as pálpebras das vencidas Eumênides ⁵ se encheram; nem a régia esposa, nem o rei das profundezas suportam negar àquele que suplica e chamam Eurídice; encontrava-se ela entre sombras recém-chegadas e avançou com o passo retardado pela ferida. E Orfeu do Ródope a recebe junto à ordem de que não volte para trás os seus olhos, enquanto dos avernos vales não tiver saído, ou seria vã a oferta.
G., IV, vv. 481 - 487	Ademais, espantou-se a própria morada, o mais profundo Tártaro de Leto e as Eumênides com seus cabelos cheios de serpentes azuis, e Cérbero, boquiaberto, conteve a sua tripla cabeça, e, com o vento, freou a roda do mundo de Ixião. E o referido caso logo chegara ao alcance de todos e Eurídice, já restituída, vinha às regiões superiores seguindo atrás (pois Prosérpina dera essa ordem)

³ Eurídice.

⁴ Ninfas que habitam as nascentes ou cursos d'água. Sua origem genealógica é variável, mas, geralmente, são consideradas filhas do deus do rio em que residem (Grimal, 2005, p. 321)

⁵ As Eumênides (ou Erínias) são seres infernais com cabelos repletos de serpentes e tochas. Geralmente são três: Alecto, Megera e Tisífone, responsáveis por inflamar as almas dos mortais com o anseio de vingança e atormentá-los por seus crimes cometidos, levando-os à loucura. Na Treva dos Infernos, onde habitam, torturam com chicotes as almas dos mortos (*ibid.*, p. 146).

IV: Segunda morte de Eurídice

Met., X, vv. 55-63	Nem tinham se distanciado do limiar da região extrema, nesse ponto, temendo que ela o abandonasse e ávido por vê-la, o amante voltou os olhos e, de imediato, ela retrocedeu; e, estendendo os braços, tenta segurá-la e por ela ser segurado, mas a infeliz não agarra nada a não ser os ares rarefeitos. E, morrendo de novo, a esposa de coisa alguma se queixou (do que ela se queixaria a não ser de ser amada?) e disse um último “adeus”, que ele já mal conseguiu ouvir, e, de novo, regressou ao mesmo lugar.
G., IV, vv. 490-497	relapso, ele já tinha sua Eurídice em mãos, sob seus próprios olhos, mas ai! Vencido pelo coração, olhou para trás. Então, todo o trabalho foi perdido e o pacto com o cruel tirano, rompido, e, três vezes, ouviu-se um ruído nas águas avernais. Ela: “quem te faz perder a mim, infeliz, e eu a ti, ó Orfeu, que tamanha insanidade? E, de novo, os fados cruéis de volta me chamam e cobre o sono as luzes oscilantes de meus olhos.

V: Sofrimento de Orfeu

Met., X, vv. 72-77	A ele suplicando em vão e desejando fazer de novo a travessia, o barqueiro ⁶ reteve; por sete dias, contudo, esquelético, sentou-se à margem sem as dádivas de Ceres; ⁷ a preocupação, a dor de sua alma e as lágrimas foram seus alimentos. Queixando-se de que os deuses do Érebo eram cruéis, recolhe-se ao alto do Ródope e ao monte Hemo, golpeado pelos Aquilões.
G., IV, vv. 608-614	O que faria? Raptada duas vezes a esposa, para onde ele iria? Com que choro comoveria os Manes? Com que fala, aquelas divindades? Ela, com certeza, já navegava pelo Estige, em uma fria barca. Contam que ele, de uma cordilheira, ao longo de sete meses inteiros, sob os ares do deserto e nas águas do Estímão, derramou seu pranto e, sob as gélidas grutas, refugiou-se, acalmando tigres e movendo carvalhos com o seu canto.

Análise: O olhar dos dois poetas sobre Orfeu

Ao narrar o mito de Orfeu nas *Metamorfoses* X, Ovídio realiza alterações no enredo da narrativa e diverge da versão virgiliana em alguns aspectos sintáticos, estilísticos e lexicais. Além de verificar essas diferenças, procuramos analisar os efeitos de sentido

⁶ O barqueiro é Caronte, velho feio de barba volumosa e grisalha, manto esfarrapado e chapéu redondo. Dirige a barca do inferno, transportando, pelo rio Aqueronte, as almas dos mortos de uma margem à outra (*id.*, p. 76).

⁷ Ceres é a deusa da terra cultivada (*id.*, p. 84). A ausência das “dádivas de Ceres” se refere, portanto, à falta de alimentos.

gerados por elas. A análise apresentada neste resumo se divide em três partes: sofrimento de Orfeu após o assassinato de Eurídice pela serpente, descida de Orfeu ao mundo dos mortos e segunda morte de Eurídice.

Após a descrição da morte de Eurídice, picada por uma hidra em meio à erva, Virgílio descreve o lamento dos seres da natureza e dos povos, citando lugares que choraram por sua morte: as cidadelas rodopeias, o alto Pangeu e a terra mavórtica de Reso. Trata-se de uma metonímia (substituição do nome dos habitantes pelo nome dos lugares em si), que amplia a dimensão da tragédia e reforça a ampla comoção pela morte de Eurídice. Em seguida, Virgílio relata o sofrimento de Orfeu, que se lamenta sem parar do nascer ao pôr do sol. Para marcar a repetição dos lamentos, o poeta emprega a anáfora (repetição de uma palavra no início ou meio dos versos) do pronome latino *te* (“a ti”), com o qual Orfeu se dirige à Eurídice:

*te, dulcis coniunx, te solo in litore secum,
te ueniente die, te decedente canebat* (G., IV, vv. 465-466 - grifos nossos).

a ti, ó doce esposa, **a ti** no litoral desértico,
a ti no dia nascente, **a ti** no dia poente, cantava consigo.

Ao contrário de Virgílio, que descreve a comoção dos povos e das cidades pelo assassinato, reforçando-a mediante o uso de metonímias, Ovídio não menciona essa lamentação. No entanto, assim como Virgílio, o poeta relata, ainda que brevemente, o sofrimento de Orfeu, que, após chorar à luz do dia, vai aos infernos para tentar trazer sua amada de volta:

*Quam satis ad superas postquam Rhodopeius auras
defleuit uates, ne non temptaret et umbras,
ad Styga Taenaria est ausus descendere porta;* (Met., X, vv. 11-12).

Depois de chorá-la o bastante à luz do dia,
o vate do Ródope, para não deixar de tentar as sombras,
do portão de Tênaros⁸ ousou descer ao Estige;

Na versão ovidiana, no trecho de sua descida aos infernos, ao se dirigir a Hades e à Perséfone, Orfeu elabora um discurso retórico com o objetivo de convencê-los a restituir Eurídice. Na versão virgiliana, por outro lado, não há discurso algum, mas apenas uma descrição extensa dos efeitos de comoção produzidos pelo canto. Embora Ovídio descreva o sofrimento de Orfeu pela morte da esposa, seu discurso, de acordo com Anderson (1982), não tem apelo emocional, mas um tom retórico para persuadir Hades. O discurso é repleto de lugares-comuns retóricos, com afirmações de que a morte é o destino final de todos os humanos e de que, cedo ou tarde, todos vamos morrer. Por serem os próprios senhores da morte a audiência, o discurso soa como uma bajulação aos deuses, uma vez que enfatiza o poder de Hades sob os seres vivos. Em vez de um amante desesperado, Orfeu se aproxima de um advogado que busca a melhor maneira de vencer sua causa. Em vez de um tom trágico, há, nessa passagem, um tom predominantemente retórico.

Após a elaboração do discurso retórico, assim como Virgílio, Ovídio descreve seus efeitos sobre as criaturas infernais: Sísifo senta em sua pedra, Ixião para de girar em sua roda, também choram as Eumênides. Essa descrição, porém, não é tão ampla como na versão de seu antecessor, que lhe reserva 14 versos (vv. 471-484). Ovídio relata os efeitos do discurso de maneira mais objetiva, em 8 versos (vv. 40-47), e avança logo para o trecho da restituição de Eurídice, passagem omitida por Virgílio. Em seguida, o poeta narra a tentativa frustrante de Orfeu de conduzir Eurídice ao mundo dos vivos. Assim como na versão

⁸ Monte da Lacônia, no qual havia uma profunda cova, que acreditavam ser a entrada para o submundo (Crivell, 1962, p. 1314, nota 614).

virgiliana, o vate é incapaz de cumprir seu pacto com Perséfone: com medo de que Eurídice falhasse e estando ávido por vê-la, o vate olha para sua esposa, que, antes de regressar ao submundo, lhe diz apenas *vale* ("adeus").

Nessa passagem, ao comparar as versões do mito, há duas diferenças expressivas no enredo. A primeira delas é que, ao contrário da Eurídice virgiliana, a ovidiana não profere nenhum discurso, senão um rápido adeus, laconismo que, segundo Anderson (1982), diminui a dimensão trágica da cena. A segunda diferença está na descrição das motivações da atitude fatal de Orfeu. De acordo com Anderson (1982), Ovídio afirma que o vate olha para trás motivado por medo, amor e avidez. Essas motivações se contrastam com as do Orfeu virgiliano, que olha para Eurídice tomado por uma insanidade (*dementia*).

Após a morte de Eurídice, ambos os autores relatam o sofrimento de Orfeu. Na versão virgiliana, a dor de Orfeu é hiperbólica, sobre-humana: dura sete meses inteiros. Não só a duração da dor desafia os limites da capacidade humana, mas também as condições a que se submete Orfeu, pois que mortal aguenta viver em uma gruta isolada em um deserto durante sete meses? Ovídio reduz a hipérbole: em sua versão, o sofrimento de Orfeu dura apenas sete dias, ao longo dos quais Orfeu se alimenta de sua preocupação e de suas lágrimas. O tom é dramático, mas não tão hiperbólico como o de Virgílio. Na sequência, em ambas as versões, Orfeu refugia-se no alto de um monte e, enlutado, evita relações amorosas e recusa o desejo das mulheres após a perda de sua amada.

Conclusão

A partir da análise comparativa das versões virgiliana e ovidiana do mito de Orfeu, foi possível observar algumas diferenças no enredo das duas narrativas. Ao recontar o mito de Orfeu, Ovídio realiza algumas alterações, como na reação à primeira morte de Eurídice, enfatizando apenas o sofrimento de Orfeu em vez da comoção de povos e cidades inteiras, e acréscimos, como a inserção do discurso do vate nos infernos. Além de alterações no enredo, constatamos divergências nas escolhas sintáticas, lexicais e semânticas de Ovídio.

Em sua narrativa, Ovídio mantém o tom elegíaco presente na narração de Virgílio, mas é menos dramático que seu antecessor, apresentando maior objetividade e subvertendo algumas figuras poéticas e retóricas utilizadas por Virgílio, como a hipérbole para descrever o sofrimento de Orfeu e os discursos de lamentação pela primeira morte de Eurídice. De todo modo, Ovídio não abandona o tom elegíaco de sua poesia, embora reinvente a narrativa à sua maneira, realizando suas próprias escolhas na recriação da história.

Referências

- Anderson, William S. The Orpheus of Virgil and Ovid: *flebile nescio quid*. In: WARDEN, John (ed.). **Orpheus: The Metamorphosis of a Myth**. Toronto: University of Toronto Press, 1982. p. 25-50. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/9781487579807-003>.
- CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: a history**. Baltimore; London: Johns Hopkins University Press, 1999.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução, introdução e notas: Domingos Lucas Dias. Apresentação: João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.
- SALEMA, Vivian de Azevedo Garcia. O mito de Orfeu nas Metamorfoses de Ovídio. **Principia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 29, p. 1-8, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/13982/10676>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- VIRGÍLIO. **Geórgicas**. Tradução: Manuel Odorico Mendes. Organização: Paulo Sérgio de Vasconcellos. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial/FAPESP, 2019.